



GT 48. Família, gênero e sexualidades: cultura, conflito e transformação política

Coordenador(es):

Marcelo Tavares Nactivity (UFC - Universidade Federal do Ceará)

Leandro de Oliveira (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Este GT tematiza relações familiares entre pessoas LGBT, contemplando conexões com a “família de origem” e a formação de novas famílias, incluindo marcadores como geração, classe, soropositividade, gênero, origem, raça e religião. Contemplando temas como o casamento igualitário, conjugalidades e parentalidades, o GT coloca em foco nexos entre convenções culturais, ações de movimentos sociais, micropolíticas do cotidiano, discursos emocionais, interações e relações de poder em contextos plurais, de modo a discutir reconfigurações do público e do privado. Serão acolhidos estudos que abordem discursos sobre casamento igualitário; formas de regulação do gênero e da sexualidade de pessoas LGBT na esfera familiar; tensões e negociações nos grupos domésticos; formas de ajuda mútua, cuidado e manutenção de laços no cotidiano da casa ou em redes de casas; construções da “aceitação” na sociedade e na família; relações entre famílias de origem e parceiros/ companheiros de pessoas LGBT; família e gerações; família, religião e sexualidades; transformações nos significados culturais associados à noção de “família”; os usos da noção de “família” como arma política na esfera pública e na arena política; família e controvérsias sobre “ideologia de gênero”; enlaces entre direitos sexuais, questões LGBT, e laicidade do Estado. O GT abarcará ainda os temas da homofobia e transfobia, incluindo situações que articulam preconceito sexual, estigma e afetos no âmbito das relações familiares.

Homens que gestam: uma estudo etnográfico sobre transparentalidades, reprodução e sexualidade

Autoria: Anne Alencar Monteiro (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Este work trata das dinâmicas relacionais em torno da gravidez e da transgeneridade. Analiso como as formas de vivenciar a constituição do gênero em transição estão contextualizadas no mundo relacional que envolve a reprodução, a sexualidade e o parentesco, observando como esses processos são elementos importantes que conectam as pessoas. A questão da transgeneridade insere-se na pesquisa mais ampla, que iniciei no mestrado e dou seguimento com o doutorado. Neste work tomo como base as análises das narrativas de homens trans, que conheci por meio de redes de sociabilidade. Nesta pesquisa busquei compreender os significados que os homens trans dão ao gestar, parir e amamentar seus bebês e como estes são incorporados às próprias narrativas de constituição da masculinidade. O foco desta análise está na experiência reprodutiva desses homens trans, sendo imprescindível contextualizá-la na relacionalidade, já que cada momento da transição de gênero marca a experiência da reprodução e a relação com os parentes, os amigos, os parceiros e parceiras sexuais. Finalizo o work argumentando que a transgeneridade é relacional, uma vez que, o processo de transição de gênero envolve também uma (re)criação das relações ligadas à esfera do parentesco. Assim, eles rompem a associação direta entre feminilidade-gravidez-maternidade. O que implica em um novo olhar as políticas de gênero, reprodução e sexualidade.

[Trabalho completo](#)



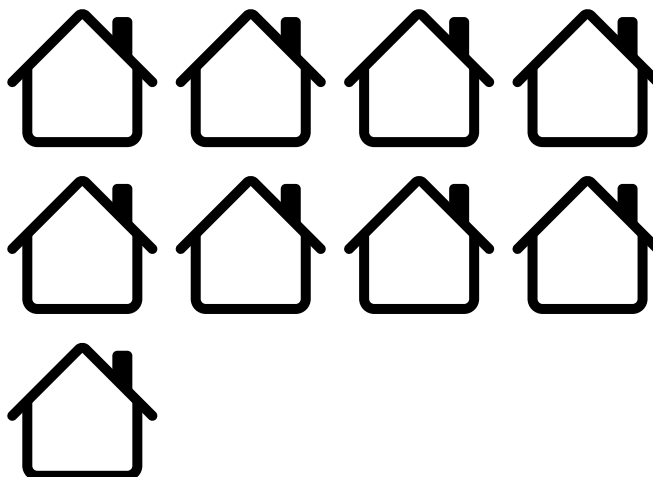
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: